

AFROS & AMAZÔNICOS



MEMÓRIAS E NARRATIVAS: OS CULTOS AFROBRASILEIROS EM PORTO VELHO

*Wilma Inês França Araújo**

*Marco Antônio Domingues Teixeira***

Resumo: Este artigo é uma coletânea de memórias e narrativas feitas em primeira pessoa por uma das mais influentes Yalorixás de Porto Velho Wilma de Oyá. Sua Memória abrange toda a segunda metade do século XX, mas suas amizades com os mais antigos estendem sua narrativa aos tempos do Tambor de Mina. É com Mãe Wilma, Pai Hilton do Ogum e Mãe Yassi que o Candomblé Ketu se estabelece em Porto Velho, através do axé Torodê, que é carioca. O BABALORIXÁ José Nilton Viana, conhecido como, Torodê, abriu diversas casas em Porto Velho, Acre e Manaus, criando uma extensa rede parental da família de Santo Torodê. Durante as décadas de 1970 e 1980 este terreiro tornou-se a principal referência dos cultos afros em Porto Velho. Funcionando na Avenida Salgado Filho, bairro Mato Grosso, seu número de adeptos entre, filhos, frequentadores e clientes cresceu tanto que a Yalorixá terminou ganhando um terreno na Avenida Amazonas no bairro Escola de Polícia. As memórias de Mãe Wilma são uma preciosidade para a pesquisa no ramo das religiões afrodescendentes em Porto Velho.

Palavras-chave: Tambor de Mina; Candomblé Ketu; Candomblé Angola Congo; Umbanda; Yansã.

Abstract: This article is a collection of memories and narratives, made in first person by one of the most influential Yalorixás in Porto Velho Wilma de Oyá. His memory covers the entire second half of the twentieth century, but his friendships with the older ones extend his narrative to the times of the Tambor de Mina. It is with Mãe Wilma, Pai Hilton do Ogum and Mãe Yassi that Candomblé Ketu is established in Porto Velho, through the axé Torodê, who is from Rio de Janeiro. BABALORIXÁ José Nilton Viana, known as Torodê, opened several houses in Porto Velho, Acre and Manaus, creating an extensive parental network of the Santo Torodê family. During the 1970s and 1980s, this terreiro became the main reference of African cults in Porto Velho. Operating on Avenida Salgado Filho, in the Mato Grosso neighborhood, its number of followers among children, visitors and customers grew so much that Yalorixá ended up winning a plot of land on Avenida Amazonas in the Escola de Polícia neighborhood. The memories of Mãe Wilma are a treasure for research in the field of Afro-descendant religions in Porto Velho.

Keywords: Drum of Mine; Candomblé Ketu; Candomblé Angola Congo; Umbanda; Yansã.

Introdução

Resgatar a história de um povo sempre foi desejo de muitos, realização de poucos, em virtude de todas as dificuldades próprias da empreitada.

Na proposta de resgatar a história de religiosidade e cultura negra no Estado

* Formada em Letras/Português/Licenciatura, pela Universidade Federal do Pará. Funcionária da Embrapa/RO. Mãe de Santo do Iylê Axé Xirê Oyá.

** Doutor em Ciências Socioambientais pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/NAEA, Universidade Federal do Pará. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Coordenador do GEPIAA/UNIR (Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares Afro e Amazônicos). Coordenador do CPARQH/UNIR (Centro de Pesquisa em Arqueologia e História).

de Rondônia, a missão é muito mais difícil, porque somos um estado jovem e sem tradição cultural. O grande fluxo migratório trouxe braços fortes para o desenvolvimento, mas também trouxe a diversificação religiosa. No início o predomínio da religião católica, trazida pelos salesianos, franciscanos e capuchinhos. Posteriormente a evangélica, com os Batista, Assembleia de Deus, Adventista do Sétimo, e a pouca representatividade não era considerada como religião, e sim seitas, por sinal perseguidas pela igreja católica, principalmente.

Para um melhor entendimento, dividimos em duas fases essa história: Na primeira fase aborda-se um estudo sobre os primeiros passos espirituais em Porto Ve-



lho, cujas raízes estão ligadas à umbanda, o culto aos caboclos, povo da mata, dos rios etc. Na segunda fase aborda-se um estudo sobre a história do candomblé em Rondônia, precisamente em Porto Velho, o culto aos orixás, divindades de origem africana.

Por fim, é importante dizer que este artigo é uma síntese de uma pesquisa de mestrado e doutorado do Professor Marco Antônio Domingues Teixeira, Doutor em Sociologia Ambiental, pela Universidade Federal do Pará, que além de admirador e estudioso da religiosidade, é Ogã, filho de Xangô.

Elementos para o estudo dos cultos de matrizes africanas em Porto Velho

Durante o século XVIII, os portugueses iniciaram um intenso processo de colonização na margem direita do rio Guaporé. Este procedimento deu-se em função da mineração do ouro e da guarda territorial fronteiriça. Entre 1748, ano da criação da Capitania do Mato Grosso e Cuiabá, e 1783, ano de conclusão das obras do Real Forte Príncipe da Beira, quando milhares de escravos negros, de procedência africana (vindos de Luanda, Benguela e Benin) adentraram o Vale do Guaporé e ali fundaram a sociedade colonial portuguesa a partir de seu próprio trabalho como cativos. Um dos legados menos discutidos desta vasta população refere-se ao conjunto de suas crenças e tradições de origem religiosa africanas. Seus portos de embarque e suas procedências internas indicam que eram praticantes de cultos de origem yorubana e nagô, deificando entidades representativas da natureza e das forças cósmicas que regem a existência. Muito pouco restou das antigas tradições religiosas africanas no Vale do Guaporé, mas pesquisando-se as correspondências dos Capitães-Generais que governaram o Mato Grosso e as crônicas de viajantes, religiosos e residentes locais, torna-se claro, que mesmo com a imposição do catolicismo romano, as populações negras do Guaporé praticaram rituais de culto a en-

tidades africanas, sincretizando suas práticas com elementos rituais indígenas e portugueses.

Os processos de romanização da religiosidade, desde fins do Século XIX, e a ação catequética de personagens como Dom Francisco Xavier Rey, no Vale do Guaporé, durante a maior parte do século XX, determinaram o obscurecimento das práticas de procedência afro-indígenas na região. Pesquisas realizadas em Vila Bela e suas imediações dão conta, entretanto, da existência de benzedores e feiticeiros praticantes de “artes” sobrenaturais capazes de evocar entidades do mundo natural, viventes em rios, lagos, rios e florestas e que seriam capazes de provocar tanto o bem quanto o mal. No Vale do Guaporé rondoniense tais práticas encontram-se em processo de desaparecimento e o número destes benzedores, rezadeiras e feiticeiros tem declinado sensivelmente. As práticas religiosas de culto à entidades não cristãs é vista com desconfiança e desagrado, num claro processo de embranquecimento da cultura das populações negras locais.

Em Porto Velho as notícias sobre práticas religiosas de matrizes africanas surgem com a própria ocupação do lugar pelos ferroviários, já nas últimas décadas do século XIX. Neville Craig, engenheiro que participou das tentativas de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (E. F.M.M.) na década de 1870 relata “visões” de demônios e outras entidades da floresta e dos rios que atormentavam os ferroviários e eram atribuídas às artes místicas de povos indígenas residentes no local onde os trabalhadores executavam suas obras.

No início do século XX, com a retomada das obras da E.F.M.M. pela empreiteira May, Jakyl and Randolph, contratada pelo empresário Percival Farquhar, vieram para o Vale do Madeira populações negras de procedência caribenha, comumente chamadas “Barbadianas”, que introduziram na região, de forma muito discreta e velada, práticas e rituais afro-caribenhos. As populações remanescentes do conjun-



to de trabalhadores “barbadianos” dos Vales do Madeira e Mamoré são hoje, em sua maioria, adeptos dos cultos evangélicos e católicos, notadamente do credo Batista, do qual se orgulham de ser os fundadores e primeiros membros da Primeira Igreja Batista de Porto Velho.

Entretanto, algumas informações colhidas com descendentes de antigos trabalhadores da Estrada de Ferro nos dão conta da prática de rituais de Voodoo Haitiano e da Santeria Cubana, ambos de procedência caribenha, em terras de Porto Velho. Tais práticas chegaram a causar divergências sociais nas primeiras décadas do século XX e processos policiais por prática de feitiçaria foram abertos pela justiça de Santo Antônio do Madeira.

Cabe ressaltar, entretanto, que a primeira Casa de Cultos Afro-brasileiros erigida em Rondônia foi o Terreiro de Santa Bárbara, fundado pela maranhense de Codó, dona Esperança Rita, Mãe Esperança como era chamada e por seu marido Pai Irineu. O Terreiro de Santa Bárbara, que sobrevive até os dias atuais, foi fundado nas imediações do Igarapé das Lavadeiras, no que viria a ser o Bairro do Mocambo, uma área pobre, situada nas vizinhanças do Cemitério dos Inocentes, região onde viviam lavadeiras, prostitutas e os deserdados da E.F.M.M. e do seringalismo local. O terreiro possuía uma estrutura de culto fundada a partir das tradições do Tambor de Mina maranhense e dos Batuques paraenses. Em 1946, o próprio Bispo Dom Pedro Massa celebrou a missa de inauguração do Terreiro, constituído, então como “Irmandade de Santa Bárbara”, assinando, ele próprio a ata de sua criação. Nesta etapa, já em plena “Era Vargas”, os cultos de terreiro viriam a passar por um longo período de perseguições e intolerância. Com o Santa Bárbara não foi diferente, as perseguições vieram sob a forma de atitudes intransigentes do governador territorial, Aluizio Ferreira e do Bispo Prelado, Dom João Batista Costa que ordenou a invasão do Terreiro, a prisão e sequestro da

imagem de Santa Bárbara e a destruição dos atabaques.

Os procedimentos violentos das autoridades locais podem ser a explicação para as transformações doutrinárias sofridas pelo Santa Bárbara, que progressivamente adotou os rituais de Umbanda, então mais identificados com uma “espécie” de espírito nacionalista, mais próximo do cristianismo.

A partir da década de 1960 o Terreiro de Santa Bárbara passou a ser dirigido por Pai Albertino, o último dos Pajés locais, morto na década de 1990.

Neste meio tempo, surgiram outras Casas de Santo, todas marcadas pela mesma tradição dos batuques paraenses, do Tambor de Mina maranhense, dos Caticumbós nordestinos e das Umbandas que proliferavam pelo país.

Nas décadas de 1960 e 1970, o crescimento da cidade foi impulsionado pelas políticas do Regime Militar para a Amazônia e milhares de pessoas afluíram para Rondônia e Porto Velho, dando início a um dos maiores processos migratório da História recente do país.

Com o aumento do número de moradores e o surgimento de dezenas de novos bairros, aumentaram as Casas de Santo de Porto Velho e, embora proliferassem os Terreiros de Umbanda, nos anos 1970 passamos a registrar a presença dos primeiros rituais de Candomblé na cidade.

Yá Wilma na espiritualidade

Por que estou fazendo essa narrativa, de um mundo espiritual, cheio de magias, encantamentos, beleza, disciplina, amor e dedicação, onde estão envolvidos, caboclos, pretos velhos, encantados, e orixás, além de credices, folclore, intolerâncias e discriminações?

Nasci em Porto Velho, ainda Território Federal do Guaporé, em 21.04.1953, numa família católica não praticante, meu pai não gostava de religião, minha mãe



embora tenha estudado em colégio de freiras, não frequentava assiduamente a igreja. Os filhos foram batizados, crismados e fizeram primeira comunhão porque era praxe nas famílias e pela predominância do catolicismo no país, além das meninas estudarem no Colégio Maria Auxiliadora.

Ainda muito pequena (um ano e meio) nos mudamos para Manaus, meu pai gostava de ficar mudando de cidade. Certo dia a vizinha convidou mamãe para uma festa de aniversário, só não avisou que era aniversário de caboclos, Cosme e Damião. Naquela época a maioria dos terreiros fechava suas portas e só abria quando acabavam os trabalhos. Eu estava com dois anos e ao adentrarmos o centro logo fomos recebidos por um caboclo (chamado Cibamba) que me colocou no colo e falou ao Caboclo Roxo – essa é minha, é nossa!

Foi muita confusão entre papai e mamãe porque esta chegou muito tarde a casa, grávida e com três filhos pequenos. Aos três anos retornamos para Porto Velho e até os meus oito anos de idade ficamos residindo no Bairro do Areal, quando meu pai decidiu voltar para Manaus.

Quando criança frequentei muito a Igreja Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Areal, em Porto Velho, era assídua no catecismo, gostava das brincadeiras e do esporte. Uma área enorme, a igreja azul pequenina, interiorana, havia muitas árvores nobres, inclusive seringueiras centenárias, que os padres mandavam derrubar, aqui, acolá. Certa vez estávamos brincando de bola (cemitério), e eu fui “morta”, saí do time e fui sentar naquele imenso tronco de mais de metro de diâmetro e uns 15 metros de comprimento, o sol estava se pondo e o jogo acabando, de repente apaguei, desmaiei, só acordei a noitinha, atrás do tronco, sobre as folhas mortas, não sei o que aconteceu, hoje imagino que possa ter sido algo mediúnico, não houve explicação, estava com muita saúde, tinha sete ou oito anos. Quando cheguei a casa

minha mãe em desespero, todos me procurando, inclusive na igreja, sem sucesso. Resultado, uma boa surra de cinta. Mamãe não acreditou em mim. Pensou que estivesse em casa de alguma coleguinha.

Retornamos para Manaus e ficamos até 1963. Morávamos no Bairro São Francisco, na Rua Arthur Virgílio Filho, próximo à Igreja de São Francisco, onde fiz minha Primeira Comunhão, e onde comungava com os ritos infantis daquela Igreja. Havia nas proximidades um Quilombo, muito bonito, com várias casas formando um círculo e ao centro era edificado um Salão onde todos se reuniam em dias determinados para as festividades e toques. Não sei ao certo o nome nem a origem, mas lembro que todos eram negros e que havia um mastro de madeira no qual se erguiam bandeiras de São Sebastião anualmente, com grande festa e fogueira onde se aqueciam os tambores de tronco de madeira. As festas começavam ao final das tardes e toda criançada e vizinhos participavam, eu achava lindo as mulheres rodando, descabeladas, com vestes estampadas, coloridas, e os homens tocavam os tambores que faziam os corações pulsarem mais forte. Acredito que fossem de origem de Mina Nagô, do Maranhão pelo que conheço atualmente e faço comparações.

Com o falecimento de meu pai, em Nov/1963 – eu estava com 10 anos – nosso destino foi Porto Velho mais uma vez, pois aqui residia a única irmã de minha mãe, em Manaus apenas os parentes paternos.

Nossa estada em Porto Velho foi marcada por muito sofrimento, mamãe com seis filhos, sem bens, sem emprego e sem herança, deixou para trás o pouco que poderia ter trazido, já que papai trabalhava com joias e relógios em uma famosa empresa de portugueses, nem os pecúlios como falavam na época mamãe procurou saber. Sobrou-lhe a profissão e a coragem de trabalhar – era parteira e enfermeira, e muito corajosa. A nossa sobrevivência também contou com a ajuda dos tios, um tinha padaria, outro tinha açougue. Apesar



das dificuldades ela nunca deixou nenhum filho sem ir à escola. Todos estudaram sem parar, ela foi uma grande guerreira, uma grande mulher, apesar de sua estatura minúscula, e também nos ensinou que trabalho é dignidade, todos os filhos começaram trabalhar cedo e nem por isso acho que minha infância foi explorada.

O caminho da espiritualidade

Porto Velho – 1964

Vizinha à nossa casa havia uma senhora que conservava em sua sala um altar e toda semana fazia suas cantorias e defumava tudo e minha irmã mais velha gostava daquilo e sempre que podia ia dar uma espiadela, e eu junto, mas um tanto receosa, não queria entrar. Lembro que certo dia eu caí por lá e não sei o que aconteceu, não quis mais voltar, fiquei com medo.

A Francisquinha, outra vizinha que quando mocinha havia morado conosco, era quase uma filha de criação, já estava casada e frequentava o centro de Dona Carmelita, que ficava nas proximidades do atual Colégio John Kennedy. Pediu e mamãe me deixou ir com ela e seu marido às sessões. O mesmo sistema de trancar as portas e só abrir após o encerramento. A casa era muito frequentada principalmente por policiais civis. Lembro de um policial de nome Lino, era um negro esguio, alto, que trabalhava com o exu Sete Encruzilhadas, dançava no fogo e bebia cachaça com dendê fervente. No começo eu tinha muito medo, depois acostumei e já gostava de ir. Dona Carmelita trabalhava juntamente com sua filha e alguns familiares. Certo dia, mais uma vez eu caí, desmaiei, apaguei, não sei o que houve. Fiquei odiando tudo aquilo. Não quis mais ir ao centro.

Belém – dez/1965

A profissão de enfermeira levou mamãe a cuidar de pessoas em domicílio, um dos seus pacientes era um grande seringaísta, comerciante, homem rico, nome

forte no estado – João Barril, diabético, teimoso, grosseiro e turrão, cortou um calo no pé com gilete, criou uma enorme ferida e teve que amputar a perna e ficou aos cuidados de mamãe. Dona Altamira, sua esposa, portuguesa ou filha de portugueses, sofria nas mãos daquele senhor, ficara também dependente de alguém e se afeiçãoou à mamãe, sabendo de todos os apertos de nossas vidas. Com a morte de João Barril, Dona Altamira teve que ir para Belém ficar junto aos seus e pediu à mamãe que me deixasse ir com ela como sua dama de companhia; era toda enrijecida, não dobrava os joelhos e nem fechava as mãos, tantas foram os maus tratos que passou sendo obrigada a casar com um homem experiente e mais velho que ela uns 20 anos – contavam que João Barril disparava seus revólveres no chão para ela dançar. Logo após a viuvez Dona Altamira ficou um mês em casa do sobrinho Delson Piedade aguardando a viagem para Belém, e eu junto. A esposa de Delson, Dona Jurandir, era uma mulher alegre, mas guardava consigo uma tristeza no olhar fazia boa leitura de cartas, com ela aprendi jogar baralho, lembro que ela escreveu em todas as cartas o significado e a junção para dar as respostas.

Lá se foi a Wilminha com 12 anos para Belém.

Aquela menina que não queria mais saber de macumba, como ela mesma falava, foi morar ao lado de um terreiro em Belém, no Bairro da Pedreira, Rua Estrela e na casa de Dona Tertulina que trabalhava em casa com seu preto velho, aha!

O rufar dos tambores acompanhavam as batidas do coração, tum, tum, tum, tum, noite adentro, e eu rolava na cama, na rede, no sofá, impaciente, a cabeça parecia que ia abrir em bandas, a garganta seca, apertada, respiração ofegante. Eu, uma garota, adolescente com os hormônios à flor da pele, em vez de estar à procura de namorar, estava ali, atormentada pelos atabaques, o que é isso meu Deus?



Não sei por quanto tempo consegui resistir àquele chamado: certo dia fui ao encontro “deles” que me abraçaram e bailaram comigo até eu acordar suada e fedendo a charutos.

Mais uma vez fiquei odiando aquilo tudo, sempre falava que era o povo que gostava de cachaça. Rejeição total.

Porto Velho – mar/1967

Mamãe havia casado novamente e dessa relação nascera mais uma filha, nasceu morta e mamãe também quase vai a óbito depois de um parto com a pressão baixa, medindo seis e com uma forte hemorragia. Cheguei a Porto Velho e vi o lastimável estado de saúde de mamãe, seu marido também havia ficado muito doente e foi embora se tratar fora e nunca mais voltou. Não quis mais ficar morando com Dona Altamira, optei pela minha família, com dificuldades, mas era minha família, meu sangue, e este sempre fala mais alto.

Senti o sabor do meu primeiro beijo aos catorze anos, provei, gostei e não quis parar. Namorei firme, em casa, e nada me afastava daquele amor, muito menos a espiritualidade, religião, nada. Dediquei-me completamente ao amor, era o meu primeiro, a quem me entreguei de corpo e alma, durou dois anos. Decepção! Acabou! Apareceu outro, não tão importante, mas de quem tive o meu bem maior, meu filho, aos 17 anos. Mais um motivo pra eu ficar distante de todos, principalmente pela rejeição e discriminação por ser mãe solteira. Tínhamos uma drogaria, eu cuidava do balcão e mamãe com seus serviços em domicílio, época áurea do garimpo de cassiterita, muita malária, muitas fraudes e muitos tombos financeiros. Falência comercial. Fomos todos trabalhar fora para viver dignamente.

Porto Velho – abril/1970

Após o parto fui trabalhar na Centel – Central Telefônica Rondoniense, e em 1971, na CERON – Centrais Elétricas de Rondônia, onde conheci uma jovem Ani-

valda, que todas as segundas-feiras ia para uma tal de Gira e sempre me convidava até que um dia eu perguntei o que ou quem era Gira, ela falou que era a Pomba Gira ao que eu respondi que não gostava “dessas coisas”. Depois de muita insistência, aceitei. Ao ver aquele homem vestido de mulher, todo maquiado, fiz muitas críticas dizendo que ali não tinha espírito nenhum e que se tratava de um gay travestido de mulher. Não quis retornar. Mais e mais convites, enfim, aceitei.

As coisas acontecem sem programação, não adianta fugir do destino. O meu já estava traçado. Lembrem o que o caboclo falou quando eu tinha dois anos?

Após a passagem de Dona Gira, uma transformação total. Edmilson – esse era seu nome, incorpora outra entidade. O CABOCLO CIBAMBA, que, como se estivesse surpreso, se aproximou de mim, chamando-me de “meu filho!, quanto tempo!, pensei que não fosse te ver nunca mais” – fiquei surpresa, não sabia quem era nem do que se tratava. Então ele contou-me toda aquela história de Manaus, no colo de minha mãe, quando eu era pequena. Fiquei olhando para ele sem nada dizer ou entender e ele me contou todo o ocorrido. Não acreditei em nada, mas chegando a casa contei para minha mãe que ficou boquiaberta e confirmou tudo e perguntou quem era a pessoa, mas ela não o conhecia.

Passei a confiar e acreditar naquele que depois seria meu primeiro pai-de-santo na umbanda, e em junho, no festejo de São Pedro de 1972, o caboclo Cibamba “passou da cabeça” de Edmilson para a minha e nunca mais parei de trabalhar com a espiritualidade. Quando Edmilson mudou para Manaus, em 1974/5, deixou seus filhos com Mãe Raimunda Paieira, do Terreiro do Glorioso São José, mas não sei o que houve não fiquei lá, passei a frequentar o Centro de Umbanda de Ogum, da Mãe Hilma, com quem fiz obrigações de Umbanda, onde permaneci até minha iniciação no candomblé em 1980, mesmo depois continuei frequentando e ajudando e amiga de mãe



Hilma que era filha-de-santo de Pai Celso do Centro de Umbanda de São Sebastião, Mãe Hilma faleceu em 2012.

O Candomblé em Rondônia: das origens à situação atual

As informações a seguir são relatos de momentos vivenciadas e/ou acompanhadas pela Yalorixá Wilma de Iansã, e ainda por meio de histórias contadas ao longo de sua infância, pela sua mãe e pessoas antigas que participaram dos fatos.

O período de transição

Meu primeiro contato com o Candomblé foi em 1972, no Rio de Janeiro, acompanhando algumas amigas, todas curiosas para saber seu santo de cabeça.

Em 1976 é criada a FEUR – Federação Espírita Umbandista de Rondônia, mais adiante falaremos sobre ela, cujo presidente, muito atuante e envolvido em todos os terreiros, traz, em 1976, o Babalorixá Wilson do Ogum-Já, o qual faz iniciação de quatro iaôs, no ritual Jêje, na sede da Federação e foi muito auxiliado pelo povo de umbanda de Porto Velho, com quem fez diversas amizades, inclusive eu, já que me envolvi afetivamente com seu Ogã Gilberto de Oxalá, com o qual casei em poucos meses, uma relação que nos deu uma filha e durou 16 anos. Achei tudo diferente, novo, lindo, foi uma paixão pelo orixá que ficou guardada em mim.

Em 1978, em Porto Velho, assisti a uma cerimônia de obrigação de sete anos e entrega de Oye/Deká, no ritual Ketu, mais uma vez encantei-me; as danças as vestimentas diferentes, coloridas e brilhantes; a magia, a alegria expressa pelos movimentos dos orixás. A partir daquele momento quis saber mais, e a cada ano me envolvia mais e mais, era aquilo que eu queria como religião. O culto aos orixás.

A curiosidade me levou a buscar respostas para vários questionamentos. Não somente sobre a religiosidade, o culto, mas sobre a história, as pessoas, seus envolvimento.

Conheci o professor Marcos Teixeira nos idos de 1978, quando estudávamos na mesma Universidade Federal do Pará. Depois nos identificamos pelo apego às religiões suas histórias e lendas, na oportunidade em que ele elaborava seu trabalho de pesquisa para tese de mestrado, em 1984. O professor além de visitar várias casas de santo, procurou-me também, pois sabia que eu era adepta da religião.

Com a conclusão de seu trabalho, observei que poderíamos buscar mais informações, parecia que a história havia dado uma pausa, faltava algo, pois seu trabalho fechou todo um ciclo da espiritualidade até 1970, anos que antecederam a instalação do candomblé em Rondônia. Assim, decidi dar prosseguimento a história por ele iniciada e descrita com tanta propriedade.

Não poderia dizer que era filha-de-santo, pois em o meu conceito, frequentar uma casa, era o cumprimento dos horários, o trato com a casa, com as vestimentas apropriadas, e na umbanda não se aplicava certos rituais, pelo menos a que eu frequentava, o Terreiro de Nossa Senhora da Conceição, do Pai Edmilson, do Caboclo Sete Flechas, por sinal o mais bonito que eu já vi, de uma força e energia ímpar, inigualável.

Quando criança, aos meus sete ou oito anos, participei de algumas festas no Terreiro de Santa Bárbara, localizado na Rua Joaquin Nabuco, com a Rua Bolívia. Eu morava nas redondezas e era comum a vizinhança participar. Não sei ao certo com quem eu ia àquelas festas, lembro-me perfeitamente que havia uma senhora chamada Maria Barão, que mais tarde eu iria conhecê-la mais de perto, pois fui morar em uma casa vizinha a sua, na Rua Campos Sales, Bairro Areal, quando retornamos de Manaus, após a morte de papai, em 1963. Daí entender por que Maria Barão, ela recebia uma entidade chamada Barão de Goré. Já estava quase cega e como eu sempre gostei de conversar e ajudar idosos passava horas em seu barraco de taipa, chão batido e coberto de palhas, que



muitas vezes foi varrido por mim e cujas canecas de lata de leite condensado eu lavava para ela. Lembro que ela morava só e que algumas vezes alguém aparecia por lá, não sei ao certo seu nome ou se tinha familiares aqui. Ela também contava suas histórias, relembrava sua infância e de seus ancestrais. Certa vez ela pegou em minhas mãos e pediu para ler minha sorte, embora com a visão enfraquecida, mas ela disse-me coisas que o tempo confirmou, falou de família, de filhos que eu teria e os que eu não teria, disse-me que não nasci para o casamento e que eu seria ainda uma pessoa muito importante dentro “disso” (palavras dela). Como toda garota de 11/12 anos, fiquei sem entender e não dei muita importância, mas o tempo tem me mostrado a confirmação de suas palavras. Não sei definir a importância que ela profetizou “dentro disso”.

Santa Bárbara e São Benedito

Os primeiros terreiros que se tem notícia foram o Terreiro de Santa Bárbara e o Terreiro de São Benedito, conhecido como Samburucu. Santa Bárbara já havia mudado do Bairro do Mocambo para o final da Rua Joaquim Nabuco com a Rua Bolívia.

O Terreiro de Santa Bárbara, dirigido por Mãe Esperança, já foi descrito pelo professor Marcos, foi mais fácil resgatar a história, porque ainda está funcionando na Vila Tupi.

Havia também o Terreiro de São Benedito, conhecido por Samburucu, dirigido por Mãe Chiquinha, ou Dona Chica Macaxeira, cujo nome verdadeiro era Ceci Lopes Bittencourt. Ela não gostava que chamassem seu terreiro de Samburucu. Dona Chiquinha veio de Belém, acompanhando Mãe Esperança, pois Mãe Esperança arrebanhava mulheres pobres, prostitutas, abandonadas e a elas oferecia oportunidade de casa, trabalho (como lavadeiras), e muitas delas, mesmo amparadas por Mãe Esperança, continuavam “servindo” aos homens. Era o caso de Chica Macaxeira, que por alguns anos levou a vida entre o Barracão, lavagem de roupas e os homens. Daí

o apelido de Chica Macaxeira, como era conhecida pelos homens que desfrutavam de sua intimidade.

Quando Mãe Esperança mudou o Terreiro de Santa Bárbara para a Av. Joaquim Nabuco, mais ou menos em 1950, Dona Chiquinha mudou-se também, mas foi cuidar de roça, gado e bodes, num lote na Ladeira da Prefeitura, Rua José Bonifácio entre Barão do Rio Branco e José do Patrocínio, onde atualmente funciona o Camelódromo. Alguns anos depois ganhou umas terras e fundou o Terreiro de São Benedito, na Rua Marechal Deodoro com Abunã. Como o Barracão ficava no meio da rua, pois atrás só havia mato, na oportunidade que a prefeitura mandou abrir a Rua Abunã e dar continuidade à Rua Mal Deodoro, o prefeito doou um lote e mandou reerguer o barracão com a frente para a Rua Mal Deodoro. Toda aquela área pertencia a Dona Chiquinha, que já estava casada com o senhor Lopes Ferreira. Como não teve filhos, adotou umas cinco crianças desamparadas, dentre elas Auxiliadora, conhecida como Dora Nunes, (já falecida), que se casou com o senhor José Nunes, proprietário do Hotel Nunes. Dos outros filhos não soube notícias, apenas uma filha que foi para o Rio de Janeiro, é médica e vive muito bem. Sabe-se também do tratamento rude que dava a essas crianças, batia muito e era linha dura. Dentre as crianças que Chica Macaxeira criava, havia um menino seco e esquelético, que os seus tambores encantaram e fizeram com que ele largasse pai e mãe e fosse morar com ela em 1953, pequenino, mas teimoso, esse menino mais tarde viria ser meu primeiro pai-de-santo – Edmilson (informações dadas por ele).

Chica Macaxeira não tinha família aqui em Porto Velho. Apenas uma irmã ou irmão que trabalhava nas linhas indígenas “amansando os índios”, e em menos de dois anos de Rondônia, faleceu, na localidade chamada “Pau-do-Guarda”. Ainda se tem notícias que tinha alguns irmãos em Manaus.

Em 1970 vendeu todas as suas propriedades em Porto Velho e comprou um



lote no KM 14 da BR Porto Velho-Humaitá. Lá desbravou a mata, plantou roça e reconstruiu o Barracão. Adoeceu e faleceu em 1974.

Dora Nunes, anos depois, talvez 1982, viria iniciar-se no candomblé, com Mãe Elza de Yemanjá, e Torodê cobriria sua obrigação de sete anos e abriria seu Ilê de Oxum, no Jardim as Mangueiras, em 1988. Ajudei em sua iniciação e em suas obrigações com Torodê, meu Babalorixá.

Além do que me lembro, pois participei de várias passagens dessa história, inclusive fui ao velório e enterro de Dona Chica Macaxeira, as outras informações me foram narradas por Edmilson – a primeira pessoa que me envolvi na umbanda – (que foi “cria” de Dona Chiquinha, desde os sete anos de idade, em 1953, e em 1973, ele, Edmilson, funda o Terreiro de Nossa Senhora da Conceição, do qual também fui das primeiras filhas-de-santo, ajudando a erguê-lo.

No caminho de São Sebastião

Celso Guimarães era um jovem franzino e tímido, pouco falava. Frequentava o Terreiro de Santa Bárbara (dirigido por Mãe Esperança, posteriormente por Pai Albertino), atualmente instalado na Vila Tupi, e o Terreiro de São Benedito.

Naquela época não existia o conhecimento do vínculo que se tem hoje com a associação espiritual a que se frequenta, apenas o grande respeito às entidades, e Celso participava sempre das duas casas e era muito querido por todos. Suas “entidades” (Caboclo Sete Flechas e seu Sete da Lira) eram muito respeitadas pelos trabalhos que realizavam. Além de ser o próprio Celso, um bom “rezador”.

Em 1964, Celso viaja para Manaus e lá conhece em um terreiro o seu futuro irmão e “sócio” Hilton da Veiga Monteiro, convidando-o para vir para Porto Velho. Hilton, jovem de espírito aventureiro, não hesitou. Disse-me que desertou do exército para se aventurar. Juntaram-se então para fundar mais um centro de umbanda.

Celso, magérrimo, meio corcunda, cabeleira vasta, tímido, introspectivo, costumava estar de cabeça baixa, dificilmente olhava nos olhos das pessoas. Hilton, falante, extrovertido, carismático, dono de uma gargalhada inconfundível, fumava e bebia muito. Celso era vizinho e frequentador do Terreiro de Santa Bárbara, intermediou a amizade de Hilton com as pessoas dos terreiros, em pouco tempo já era conhecido na cidade

No Terreiro de Santa Bárbara, havia uma senhora por nome Joana que Celso considerava sua mentora espiritual, sua segunda mãe e amiga, pela qual tinha muito respeito e obediência. Dona Joana decide que Celso já deve caminhar com seus próprios pés e incentiva Mãe Esperança e Pai Albertino a fundarem, então, em 1964, o Centro de Umbanda São Sebastião, que era dirigido por Celso e Hilton.

O atendimento ao público era intenso e os “meninos” conquistaram seu espaço. Embora Celso exercesse a figura principal, como o proprietário, Hilton ganha sua própria clientela e filhos, e assim formam uma grande família espiritual, sem disputas de poder.

Em 1965, o Coronel João Carlos dos Santos Mader, assume o governo do Território Federal de Rondônia e sua esposa a presidência da Legião Brasileira de Assistência – LBA. Afeitos aos ritos espirituais, visitam o Centro de Umbanda São Sebastião em dia de trabalhos. Nesse dia, a esposa do Governador, para espanto de todos, incorpora a Cabocla Jurema.

Imagem! Uma senhora fina, educada, da alta sociedade, naquele ritual, objeto de discriminação, um simples barracão de taipa, em meio a uma rua que era um verdadeiro lamaçal. Quase um matagal em meio à escuridão.

Por esse motivo, o Governador decidiu atender ao pedido de sua esposa e dar uma ajuda aos dois “irmãos”, e incentivar a construção do barracão em alvenaria. E assim foi erguida a nova sede do Centro de



Umbanda São Sebastião, à Rua Jaci Paraná, Bairro Nossa Senhora das Graças.

Fatos narrados em entrevista que fiz com Pai Hilton do Ogum

Minha amizade com Celso e Hilton não se restringia à espiritualidade, às festividades de barracão. Conheci os dois por intermédio do Edmilson, que era meu pai-de-santo e amigo deles, e as casas costumavam frequentar com homenagens belíssimas e recepções elegantes. Estreitei amizades e muitas vezes construímos fantasias de carnaval, pois pertencíamos à mesma agremiação e gostávamos todos de bordar lantejoulas, eu sempre fui muito prestativa, aonde chegava já começava ajudar em qualquer atividade. Após minha iniciação no candomblé, em 1980, que Hilton contribuiu muito ajudou bastante, passamos a ser irmãos e a nossa amizade ficou ainda mais estreita, a ponto de eu também largar tudo e ajudar em sua casa em suas obrigações. Éramos confidentes, chamava-o de Mano veio e ele de Mana. Nossa amizade era verdadeira, carinhosa. Tinha mais afinidade com Hilton do que com o Celso, apesar de nos queremos muito. Celso com sua rouca e grossa voz me chamava de Parrey, por causa do meu Orixá Oya.

Acompanhei grandes festas no Centro. O auge dos festejos era o mês de Janeiro, os festejos de São Sebastião, nove noites de reza (ladainha em latim), levantação e derruba do mastro, toques e a procissão, com direito a carro alegórico com os motivos das diversas lendas.

No encerramento era servido um farto almoço para autoridades de todas as classes, militares, públicas, eclesiásticas, imprensa, bem como toda vizinhança. Lembro-me bem de Dona Araci, que era a cota, (cozinheira) do barracão.

A decadência do Centro de Umbanda São Sebastião foi gradativa, mas rápida. Hilton já havia conquistado maioria de filhos e amizades, por ser mais conversador e mais dado a amizades, inteligente e buscador de informações. Decide voltar para

Manaus onde reside sua família, e Celso sentiu-se traído, abandonado, pelos filhos, na insegurança da solidão, aprofundou-se na bebida, cachaça (proibição, quizila de seu orixá), o final foi inevitável com uma depressão. Faleceu, sem causa identificada. Como eu morava na rua ao lado do Barracão e os fundos se emparelhavam ao ouvir os gritos de Dona Rosa, já idosa, morando longe, foi a única filha que permaneceu ao lado de Celso e encontrou seu corpo caído no chão do banheiro que ficava nos fundos do quintal. Júlia, uma das filhas de Hilton, estava lá em casa e corremos para ver o que acontecia, encontramos Dona Araci e Dona Rosa em desespero, todas desvirmos o corpo em putrefação, deformado e cobrimos com um lençol, chamaram a mãe dele e a polícia, acompanhei todos os detalhes, fui a IML e ao enterro. O laudo não precisou, mas disse que ele já estava morto havia uns dois ou três dias.

Certa vez, Hilton falou-me que tinha um filho biológico e, em um dia de festejo de São Sebastião, o rapaz apareceu por lá, estava tocando tambor, quando Hilton apontou um jovem de uns 14 a 16 anos e disse-me que aquele era seu filho (não lembro o nome dele).

Hilton retorna de Manaus e Funda o Ilê Axé Ogum Dajulekan, muda-se para o Bairro Caladinho à Rua Percival Holder, forma uma nova família de santo e uma biológica, casa-se com a Ekedí Laura Jane com quem tem duas filhas, Tainá e Taisa, Tainá lhe deu duas netas. Lembro que em nossas conversas Hilton sempre falava em família, sempre desejava ter filhos, netos, gostava de casa cheia, mesa farta. Muitas gargalhadas e cerveja. Era um paizão, sofreu e preocupou-se muito com a sua mais nova que nasceu com a saúde fragilizada, contava-me suas lágrimas e corridas nos corredores dos hospitais.

Nos quinze anos de sua mais velha, fui a sua casa, ele trabalhou cada detalhe, cada flor, cada pintura, cada convite, estava transbordando de felicidade, e disse



que estava realizado. Era o sonho dele realizar o sonho de sua filha.

Acometido de doenças pulmonares, próprias de um fumante, após vários anos de tratamento, sem nunca se curar à doença, foi um guerreiro, como seu pai Ogun, lutou até o fim, mas foi vencido pelo enfisema pulmonar, partindo para sempre em dez/2012.

Glorioso São José e Nossa Senhora da Conceição

No Centro de Umbanda São Sebastião havia dona Raimunda, pessoa da confiança de Pai Celso e responsável pelas defumações do ambiente e dos frequentadores. Era proprietária de um lote de terras na Colônia dos Periquitos, e neste espaço foi instalado, por Celso e Hilton, o Terreiro do Glorioso São José, que funcionava como se fosse uma casa de campo. Uma extensão de São Sebastião. Era dirigido por Celso e funcionava com sessões mais íntimas, por causa da distância e acesso difícil. Os tambores que lá tocavam eram os mesmo que tocavam em São Sebastião. Dada as dificuldades funcionou ali apenas no período de 1969 a 1973, transferindo-se para o Bairro Mato Grosso, sob a direção de Mãe Raimunda Paieira, que mesmo sendo filha de umbanda de Pai Hilton e já com muitos filhos-de-santo, faz sua iniciação no candomblé com Pai Wilson de Ogun, por intermédio da FEUR.

Edmilson, cria de Chica Macaxeira, frequentava os mesmos terreiros junto com Celso e Hilton e também já estava com sua Seara em casa e trabalhava com seus guias e já acumulava alguns seguidores. No período de 1970 a 1974/5, surgiria o Terreiro de Nossa Senhora da Conceição, na Rua Getúlio Vargas com a Quintino Bocaiúva, dirigido por Pai Edmilson, que se mudou em meados de 1978, para a cidade de Manaus.

Quando Pai Edmilson partiu para Manaus, sugeriu que seus filhos ficassem no Barracão do Glorioso São José, sob a responsabilidade de Mãe Raimunda Paieira. Eu até frequentei alguns meses aquele

barracão, mas por amizade e identificação, preferi ficar com Mãe Hilma de Ogun, filha de Pai Celso que também tinha seu centro de umbanda do Caboclo Sentinela, no Bairro Mocambo. Minha passagem por esses dois centros foi pequena, pois eles também não tiveram grande repercussão no movimento espiritual. Com Edmilson sob a orientação espiritual do Caboclo Sete Flechas e Cabocla Jurema recebi minhas primeiras obrigações de cabeça que foram concluídas por Mãe Hilma pelo Caboclo Sentinela e Seu Cisne Branco, todos de muita seriedade, austeridade e respeito. Com eles, aprendi muito sobre o respeito, a dedicação e a fidelidade de ser filho-de-santo, mesmo com pouco tempo que convivi com eles. Guardo imenso carinho e saudade dos bons tempos, não fui somente filha, também fui amiga – o mais importante.

A procura de Ogun e Yemanjá

Dentre os amigos e frequentadores do Centro de Umbanda São Sebastião, havia uma senhora de nome Janete Kalil, que foi a peça principal para que se iniciasse em Porto Velho a primeira conversa sobre Orixá, até então, na espiritualidade de Rondônia, o conhecimento era limitado aos caboclos, encantados e exus.

No início de 1966, Hilton adocece e nada traz sua cura, nenhum diagnóstico. Janete recebe a visita de sua irmã Maria da Conceição Kalil, cujo apelido era Elza. (hoje, Mãe Elza de Yemanjá) que residia no Rio de Janeiro. Era iniciada no candomblé, na qualidade de lawo, e morava na casa de seu Pai-de-Santo, José Nilton Vianna Reis (Torodê).

Janete leva sua irmã para uma visita e para conhecer o Centro e seus amigos. Ao ver o estado de Hilton, Elza, logo suspeita que seu problema seja espiritual. Fala com Torodê e explica a situação. Torodê se desloca do Rio de Janeiro, via Força Aérea Brasileira – FAB para Porto Velho.

Torodê abre jogo de búzios, identifica o Orixá Ogun como o regente de Hilton e



inicia o tratamento espiritual em Hilton por meio de ebós, realizando o primeiro BO ORI, (em Hilton e Celso), culminando com o assentamento de exu, procedimentos até então desconhecidos dos adeptos da espiritualidade em Rondônia. *Essa foi a primeira semente de candomblé lançada em Rondônia. Torodê ainda realizou o Toque de candomblé, para “mostrar” como era o ritual. (Torodê trouxe consigo um futuro Ogã Marreta – que faleceu em ago/2006).*

Torodê e Elza retornam ao Rio de Janeiro, Hilton fica aparentemente curado. Como não havia a vínculo da família espiritual, Hilton perde contato com Torodê, logo após sua partida, no início de 1966.

Em meados de Junho de 1966, Hilton conhece o senhor Paulo Américo da Silva, que além de Tenente da Polícia era Pai-de-Santo. Como já estava novamente com problemas espirituais, Hilton conversa sobre esse fato com Pai Paulo, que praticava o candomblé na Nação Angola.

O senhor Paulo vem a Porto Velho e realiza a iniciação de Hilton no candomblé, na Nação Angola. *Sendo assim Hilton da Veiga Monteiro, foi o primeiro lawo que se tem notícia de ter sido raspado em Porto Velho.* Após sua iniciação, em junho de 1966, o ritual praticado em sua casa, continuaria sendo umbanda, perdendo também o contato com o Pai-de-santo após o mesmo, ter retornado para São Paulo. Ainda tive oportunidade de assistir a uma saída do Ogum do Pai Hilton, no angola, foi a primeira vez que vi um orixá manifestado, talvez em 1969/70, nossa amizade ainda não tinha vínculos estreitos.

Fatos narrados em entrevista que fiz com Pai Hilton do Ogum: A doçura de Oxum

Ilê de Oxum – Em 1977, Mãe Eunice chega de Recife, inaugurando seu Ilê de Oxum, na Rua São Paulo, Bairro Tucumantal. Dizia-se filha de Pai Edu (do Recife) e depois passou para o Axé de Raminho de Oxóssi, (também do Recife), o qual veio a Porto Velho, fazendo algumas obrigações

naquele Ilê. Mãe Eunice iniciou vários iaôs, dentre esses Pai Ribamar de Oya e Ebo-me Rosário de Oxum, que mais tarde cumpririam suas obrigações com Pai Hilton do Ogum. Mãe Eunice era uma pessoa alegre, festeira, batalhadora, dedicada exclusivamente à espiritualidade e à família, lembro que não abria nenhuma sessão que não fizesse suas orações e ao final pedia pelos seus quatro filhos. Abrigou muita gente em sua casa, trouxe para Porto Velho muitas pessoas de santo, hospedou em sua casa, alimentou e arranjou empregos para todos, incluindo o Ogã Orlando Giori e seu irmão com quem viveu maritalmente por muitos anos, Pai Tiãozinho de Oxossi. Era muito dedicada, sonhava alto, sempre estava construindo. Seu primeiro barracão era nos fundos de sua casa, depois comprou um terreno ao lado e construiu um enorme, depois outros terrenos do outro lado de sua casa, fez um maior ainda, todo no concreto que ficou na construção pela metade.

As sextas-feiras eram consagradas aos trabalhos de Mãe Eunice com seu Zé Pilitra e ao final do ano sua bela cesta de flores era entregue no Rio Madeira para Oxum. Iniciou alguns filhos-de-santo junto com Pai Wilson, não sei se ela chegou a tomar alguma obrigação com ele. Após o assassinato de seu filho mais velho, mãe Eunice se fechou não se fazendo presente em nenhuma casa de santo, a última vez que nos vimos ela estava passando na rua e entrou para tomar água, conversamos bastante, sobre suas tristezas e a paixão pelos filhos. Pouco meses depois faleceu, em 2006, de infarto.

Toda sua família era do santo, conheci também sua mãe que também era Mãe de Santo, Dona Dadá. Em 1979 praticamente toda a família veio de Recife para Porto Velho. Eu ainda não frequentava candomblé, apenas a umbanda de Mãe Hilma, mas achava muito bonita as festas da casa de Mãe Eunice. Fiz amizade com alguns membros, conheci Dona Dadá, ela pequena, orgulhosa exibia uma foto de Clara Nunes vestida de Ogum, era sua irmã de santo, filha de Pai Edu. Pedi



que me abrisse um jogo de búzios. Falou-me muitas coisas boas, me diz o meu orixá lansã, e disse... *“você ainda vai ser a maior mãe-de-santo dessa cidade e vai ter uma bela casa”*.... como assim? Nem feita eu era... será?... não sei se sou a maior, mas tento fazer as coisas corretas. OBRIGADA, DONA DADÁ!

A Federação

Nesse interstício chega a Porto Velho o senhor Carlos Alberto dos Santos, conhecido como Carlos Melhoral, por ser proprietário do Supermercado Melhoral. Apreciador e muito crédulo da espiritualidade, embora um completo leigo, Melhoral funda a Federação Espírita Umbandista de Rondônia – FEUR, em 1974. Foi muito bem recebido e aceito pela comunidade espiritual, de quem recebeu todo apoio, além das autoridades locais e de Federações de outros estados, das quais participava assiduamente dos encontros e reuniões. Conseguiu formar um bom grupo de pessoas e dirigentes de casas espirituais lançando a “Festa dos Orixás”, realizando anualmente em sua Chácara, em Porto Velho, com a participação maciça da comunidade de terreiros.

Melhoral investiu muito na Federação: trouxe vários Pais-de-santo de todos os estados para esses encontros. Instalou a FEUR em sede alugada, na Av. João Goulart, Bairro Mato Grosso. Manteve contatos mais estreitos com a Federação de Cultos Afro-brasileiros de Nova Iguaçu-RJ, de onde trouxe o senhor Wilson Rodrigues, do Ilê de Ogum e Fomo de Oxóssi, (Filho de Tata Fomotinho), Pai-de-santo da Nação Jêje, introduziu seu axé em Rondônia ao praticar a iniciação, na sede da FEUR, dos primeiros lawo, raspados por conta da Federação, em 1976 – os iniciados foram (Auzerina de Oxum, já falecida, Fátima de Oxóssi, Dalva de Yemanjá, reside em Brasília, e Didi de Oxalá (partiu para o Maranhão).

Pai Wilson de Ogum era muito famoso na região de Adrianópolis, em Nova Iguaçu-RJ. Tanto como Pai-de-santo como por ser delegado de polícia, linha dura, elegante, vaidoso, teve várias mulheres e com elas

vários filhos. Fomos amigos – até o chamava de meu sogro, pois trouxe consigo seu Ogã Gilberto de Oxalá, que mais tarde seria meu esposo -, e confidenciou-me certa vez que teria vindo para cá, pois precisava de refúgio, porque fez parte do grupo conhecido como “Mão-branca”, na baixada Fluminense, na década de 1960, e precisava de paz e sossego, talvez estivesse sob a mira dos bandidos. Estava pagando um preço muito alto, pois já havia perdido uma filha adolescente e não sabia seu paradeiro: simplesmente desapareceu, talvez tenha sido raptada pelos grupos a quem perseguia como delegado exterminador.

Pai Wilson iniciou vários filhos-de-santo em Porto Velho e inaugurou casas de santo, que não prosperaram. Minha opinião, é que o seu trabalho não foi tão levado a sério por ele mesmo, como fazia no Rio de Janeiro onde tinha uma casa famosa e respeitada. No mês de junho, dia de Santo Antônio, era praxe às 18h00 acender uma enorme fogueira em frente ao terreiro e à noite a festa homenageava o seu Exu Tranca Ruas, que brindava a todos dançando sobre as brasas da fogueira. Entre idas e vindas, Pai Wilson fixou residência em Porto Velho, ficou doente, sem recursos, sofreu um derrame, que o deixou inválido e dependente da caridade de poucos amigos e filhos, faleceu em 199(?).

Pai Wilson era dado a trabalhos de magia negra e eu presenciei alguns desses trabalhos de arrepiar, já que ele hospedava-se em minha casa algumas temporadas, por conta do meu marido Ogã, que era filho dele. Uma amiga minha estava com um problema sério de traição de seu marido, sofrendo abusos de sua amante que chegava a quebrar as vidraças de sua casa, tanto era o atrevimento daquela moça. Pediu-me ajuda e eu apresentei a solução – Pai Wilson, que incorporado seu Tranca Ruas, e sem conhecer a cidade muito menos as estradas, com quatro búzios no chão disse que havia um feitiço para separá-la do marido e que ele desmancharia. Ele direcionou que estrada deveríamos seguir, depois de muitas



voltas numa estrada de barro e lama, ele mandou parar e apontou – é aqui. Adentramos na mata fechada, muito longe, ela parou sob uma enorme mangueira e mandou meu marido cavar o chão, ali estava depositada uma boneca recheada com um top que minha amiga reconheceu ser dela, toda espetada de alfinetes enferrujados, e arrancou tudo de dentro do buraco, depois olhou para cima e apontou. Todos olhamos e amarrado em um galho estava um boneco também recheado com uma cueca bem reconhecida, pois estava com as iniciais de seu marido bordada no cóis, Meu marido subiu e arrancou e fomos todos para a cachoeira desmanchar tudo. Em seguida o marido de minha amiga largou a amante de muitos anos, largou tudo em Porto Velho e residem felizes em Recife até esta data. Por ética não revelo os nomes, mas o casal é de família conhecida e antiga. A amante já tem outra vida, é casada, tem família e vive bem em Porto Velho. Outros tantos trabalhos vi que me deixaram muito impressionada, coisas que não vi nenhuma entidade e nenhum pai ou mãe-de-santo fazer.

Quanto a Melhoral, conseguiu sede própria para a FEUR, mas o povo de santo se espalhou, não deu continuidade, muitas coisas sem explicação aconteceram, o prédio foi abandonado, hoje funciona outro sindicato. Candidatou-se a Deputado Estadual, Federal, perdeu, não pôde contar com apoio da comunidade. Faliu como comerciante, perdeu suas propriedades, morreu pobre e esquecido em 2008?. A documentação da Federação não se sabe com quem ficou nem o que foi feito.

Oriundos do Axé Wilson Rodrigues – Nação Jêge

Receberam Deká

- Alzerina de Oxum (já falecida), – não deu continuidade, não raspou sequer um iaô.
- Ângela de Oxum – (perdeu a visão, abandonou a espiritualidade, além de não ter se dedicado ao candomblé) não deu continuidade, não raspou um iaô.

- Mãe Raimunda Paieira – (doente e debilitada, fechou o Terreiro do Glorioso São José em 2004, vive praticamente acamada), sua filhas não deram continuidade ao Terreiro.
- Marlene de Yemanjá – (Cigana), mudou de axé, de pai-de-santo e nunca raspou um iaô, continua com uma seara em sua residência.
- Marlene de Yemanjá – não prosperou, não tenho notícias, apenas sei que é evangélica.
- Fátima Sampaio de Oya – não foi raspada, recebeu deka, assisti essa festa, mudou de axé, de pai-de-santo, raspou vários filhos-de-santo e está com seu Abaçá de Oya em funcionamento.
- Zequinha de Ogum – não prosperou, sei que é evangélico.
- Sandoval de Oxum – (Falecido) não prosperou.
- Nilzete de Oxum – tentou abrir um terreiro, mas não prosperou, sei que é evangélica.

Um grande pecado de Pai Wilson, que eu considero, foi arrebanhar muitas pessoas que eram de umbanda, algumas já dirigiam casas, outras apenas estavam começando e a todas essas pessoas ele fez a iniciação ao mesmo tempo que dava os direitos de Yalorixá e Babalorixá entregando Deká. Das pessoas acima citadas apenas Mãe Raimunda e Ângela eram dirigentes, Terreiro do Glorioso São José e um conga no fundo do seu quintal, respectivamente.

Ainda na Nação Jêge

Registra-se a Casa de Bessain, de Pai Beto de Bessain, oriundo de Santa-rém-PA, residindo na Rua 10 em Porto Velho, desde 1985, com um Ilê próspero e muitos filhos-de-santo, estendo seu axé à Rio Branco-AC.

Vários outros Pais-de-santo passaram por aqui, sem deixar marcas importantes. Pai Darcy de Iansã, do Rio de Janeiro, (falecido), abriu casa, mas permaneceu



apenas uns três anos, adoeceu e retornou ao Rio de Janeiro onde faleceu.

Outro que por aqui passou foi o Pai Dansi, não se instalou, apenas fez passagem acompanhando a Mãe Marlene de Yemanjá, que já o substituiu por outro Pai-de-santo de São Paulo.

O Pai Nelson de Azuane, com casa em Vilar dos Teles, no Rio de Janeiro, veio a Porto Velho, para cobrir obrigação de Mãe Fátima Sampaio, após a morte de seu Pai Wilson, instalando assim o seu axé nesta cidade. Na oportunidade, também deu obrigação à Mãe Maria Otília de Omulu, já órfão de seu Pai Darcy, que havia substituído seu Pai João do Ogum.

Ao axé de Pai Nelson foram incorporados Mãe Marlene de Yemanjá (Cigana), Pai Paulo de Azunsu, oriundos do axé de Pai Darcy de Oya, após seu falecimento.

Mãe Marlene de Yemanjá (Cigana) deixa Pai Nelson e traz para Porto Velho, Pai Dansi, de São Paulo, em 1999, este não criou raízes por aqui.

Pai Paulo de Azunsu, por sua vez sai de Porto Velho e busca alternativas nos candomblés de outros estados, soube que deu obrigações a duas mães-de-santo e que as duas faleceram. Não sei a que axé ele pertence atualmente, mas tem seu Abaçá em funcionamento, estendendo seu axé com filhos em Belém. Após a perda de seu Ogã e enteado, não aparece mais em nenhuma casa de santo, apenas faz seus rituais para seu povo de casa e os mais chegados.

O povo de nagô, angola umbanda omolocô

Centro Espírita Lírios do Campo – Por intermédio de Mãe Eunice, Pai Raminho de Oxóssí realizou obrigações em “Mãe Rita da caridade” e alguns filhos, como Mãe Clotilde e sua filha biológica, retornando ao Recife não deu mais notícias e estas pessoas tiveram que recorrer a outro pai-de-santo, que não sei quem é, sei apenas que é de Recife também.

Mãe Rita, cuja iniciação foi no espiritismo, mesa branca, trabalhando com o Dr.

Flitz, e já havia adotado a umbanda, não prosperou na Nação Nagô. Falecendo em 200(?).

Pai Roberto Athaíde – Em 1978/79, Chega da Paraíba e instala-se em Porto Velho, Roberto Athaíde, Pai Roberto de Yemanjá. Muito extrovertido, sangue quente, falante, logo se ambienta com todas as casas-de-santo e faz um grande círculo de amizade, vai trabalhar na Prefeitura e funda seu primeiro Barracão, no Conjunto 4 de Janeiro. Não sei ao certo sua raiz, sua origem. Pai Roberto disse-me certa vez que sua origem era Xambá, depois Nagô e por fim já ouvia falar em Umbanda Omolocô, enfim, o que importa? Sempre disposto, sempre amigo, muito participativo, comungava com todos os axés, respeitava a todos. A chegada de Pai Roberto em qualquer Terreiro era motivo de alegria, levava seus filhos bem vestidos e animados, não havia festa triste, era tudo muita alegria. Teve que retornar a sua terra natal, em 2013, pois o clima não o deixava ter uma qualidade de vida tranquila, já que é obeso, hipertenso, teimoso e não cumpria determinações médicas.

Pai Gilberto Teles – Na mesma época de minha iniciação, em 1980, foi também iniciado por Pai José Ribamar (do Maranhão), na Umbanda Omolocô, Pai Gilberto do Obaluaiê, com seu Palácio de Obaluaiê instalado na Rua Quintino Bocaiúva. Pai Gilberto conheceu Pai Ribamar, em encontros realizados pela FEUR, mas não deu prosseguimento nas obrigações nem nos rituais de mina nagô. Em 1987 passa para Nação Kêto, recebendo Feitura com Mãe Elza de Oxum, do Obá Tomin (de Salvador), embora continue cultuando a umbanda, não se sabe ao certo quando recebeu Deká ou quando cumpriu suas obrigações. Sua Mãe-de-santo faleceu em 20(??) e ele me apresentou um Pai-de-santo da Bahia com quem deverá cumprir obrigações.

Mãe Bibi – Em 1984, fugindo da difícil situação financeira, que assolava as populações menos favorecidas, e em busca de melhores oportunidades, Mãe Bibi deixa o



interior do Maranhão e instala seu Centro de Tambor de Mina Santo Antônio em Porto Velho. Em Porto Velho, Mãe Bibi conhece Pai Ribamar, seu conterrâneo, nas festividades do Encontro dos Orixás, da FEUR, e com ele cumpre obrigações, já que seu Pai de Santo havia falecido no Maranhão. Mãe biológica do Ogan Silvestre, iniciado por Pai Ribamar e depois confirmado Ogã de Ketu, com Pai Tony de Oxossi, passou a cumprir obrigações com Pai Hilton.

Mãe Luzia – A primeira casa da Nação Angola a ser instalada em Porto Velho, foi a Casa de Oya, do Axé Bate Folhinha, (da Bahia), cuja dirigente era Mãe Luzia, ou simplesmente Oya Silê, no Bairro Jardim Bela Vista. Oya Silê baixa estatura, olhos verdes, branca, pessoa completamente dada a amizades gostava de cantar, dançar, era a alegria personificada. Sua casa foi inaugurada em fins de 1998, não iniciou nenhum filho-de-santo, apenas tinha seu filho biológico que também era seu Ogã. Com apenas dois anos de casa aberta, no bairro Caladinho é acometida por um câncer de mama que lhe tira a vida e priva Porto Velho de uma casa de Angola e nos priva de uma amiga e tanto.

Retornando ao axé Torodê

Mãe Elza de Yemanjá – volta para Porto Velho, em 1976, retomando amizade com Hilton e Celso, e iniciando nova amizade com Melhoral, participando dos eventos da FEUR, inclusive ajudando nas obrigações realizadas por Pai Wilson na Federação.

A volta de Elza proporciona que Hilton e Celso retomem o contato perdido com Torodê. Elza abre sua casa de santo em Porto Velho, em 1976, no Bairro Pedrinhas.

Numa dessas viagens de Melhoral e comitiva a São Paulo, para o encontro dos Filhos de Ogum, no Ibirapuera, em 1977, Hilton vai junto, reencontra seu antigo Pai-de-santo, Pai Paulo, mas não retomam a amizade, apenas se cumprimentam. Segue de São Paulo para o Rio de Janeiro, onde Celso estaria em obrigação de Feitura-de-santo, com Torodê.

Em 1978 Todorê vem a Porto Velho, inaugurar o Ilê de Yemanjá Ogunté, realizando obrigação de Sete anos e entrega de Deká de Mãe Elza. Nesse mesmo ano, Torodê realiza um ritual de candomblé, no Centro de Umbanda de São Sebastião, selando a retomada da amizade com seus filhos.

Assim surge a família Torodê – Nação Keto

Em julho de 1979, Hilton vai ao Rio de Janeiro. Cumpre sua Obrigação de sete anos e recebe Deká com Torodê.

Em setembro de 1979, Hilton inicia seus primeiros iawô (Júlia de Ogum, Jacyra de Omulu, Etelvina de Yemanjá e Zuldeide de Yansã).

Em janeiro de 1980, Elza inicia seus primeiros iawô (Hilma de Ogum, Nicinha de Yemanjá, Juarez de Ogum e Ivete de Oxum).

Em outubro de 1980, Torodê retorna a Porto Velho e inicia sua primeira iawô, na casa de Mãe Elza, Ilê de Yemanjá Ogunté – Wilma de Yansã .

Quando cumpro minha obrigação de um ano, em outubro de 1981, Mãe Helena de Omulu que vinha de Rio Branco-AC, do axé Jêge, de Pai João do Ogum, cumpriu obrigação de três anos, junto comigo, com Torodê.

Em 1985, Mãe Helena cumpre obrigação de sete anos e recebe Deká com Pai Jorge de Oxóssi, de Cuiabá-MT, inaugurando o Ilê de Omulu. Mais tarde cumpriria obrigação de 14 e 21 anos, em 2004, com Pai Hilton do Ogum.

Em maio 1986, mais uma vez Torodê retorna a Porto Velho, estaria eu cumprindo minha obrigação de sete anos, quando recebi meu Deká, inaugurando oficialmente a Associação Espiritualista Ilê Axé Xirê Oya, cuja presidência está a cargo desta Yalorixa que lhes contou estes fatos.

O cenário atual do candomblé em Porto Velho constitui-se de Templos, Ilês Centros ou Casas de Santo, todas remanescentes do Axé Torodê, (Kêto), Axé Pai Wilson do Ogum, (Jêje), seguido de Pai Nelson, (Jêje).



As casas do Axé Torodê em atividade, cultuando candomblé

Pai Hilton do Ogum – após seu falecimento em dez/2012 seus filhos e familiares ainda cumprem um período de adaptação à perda e continuidade, embora se saiba que Torodê nomeou a filha e Ekedí do Pai Hilton, Tainá, como sua sucessora, muito filhos já saíram do Ilê e buscam outras casas e ou ainda estão dando o seu tempo.

Ramificações das Casas de Candomblé em Porto Velho

Oriundas do Ilê Axé Ogum Dajulekam – Babalorixá Hilton:

- Ilê do Omulu – Mãe Jacira falecida em 2009 cujo herdeiro do axé é seu filho Babalorixá Jacir de Omulu.
- Ilê de Oya – Pai Ribamar – que por sua vez prosperou e abriu casa de Pai Silvano de Xangô em Porto Velho-RO, e Pai Adécio em Rio Branco-AC, com seu falecimento em 2006(?) O Ilê não teve continuidade.
- Ilê de Oxossi – Pai Tiãozinho de Oxossi – saiu do axé e retornou a sua terra natal Rio de Janeiro, fechando o Ilê.
- Ilê de Oxossi – Mãe Cleia de Oxossi.
- Ilê de Oya – Mãe Nicinha (Com o falecimento de Pai Hilton) Mudou para o Axé de Mãe Wilma em 2013.
- Ilê de Oxossi – Pai Reginaldo de Oxossi.
- Ilê de Oya – Mãe Marinilde.

Certa vez, quando entrevistei Pai Hilton, ele falou-me de todos os filhos que ele havia plantado Axé, aqui em Porto Velho, em Manaus e Rio Branco – não localizei

Oriundas do Xirê Oyá – Mãe Wilma de Iansã:

- Ilê Axé Oxum Nibu Lodo – (Babalorixá Chiquinho da Oxum). Rua Erva Cidreira – Jardim Eldorado.
- Ilê Axé Odé Fumilayo (Babalorixá Marccone de Odé) – (Babalorixá Marconi de Odé – cumpriu obrigação de 21

anos com Mãe Helena de Omulu e não pertence mais ao Ilê Axé Xirê Oyá).

Casas de Jêje do Axé de Pai Nelson, em atividade, cultuando candomblé

- Mãe Fátima de Oya.
- Pai Paulo de Omolu – que já mudou para outro axé.
- Pai Francisco de Odé.
- Mãe Myrtes de Oya.

Casas de Umbanda Omolocô, com raiz de Pai Roberto Athayde, em atividade:

- Casa de Xangô – Pai Ronaldo.

Casas de Umbanda, com raiz de Mãe Raimunda Paieira, em atividade:

- Centro de Umbanda de Santa Luzia – Mãe Marli – atualmente com Mãe Conceição de Jêje, Yalorixá do Pai Beto de Bessein.
- Da casa de Mãe Marly já prosperou a casa de pai Edjackson.
- Casa de Mãe Hóstia – que foi iniciada no Jêje por Mãe Raimunda Paieira e mantém seu centro de umbanda.

Casas de Mina, com raiz de Pai Ribamar (do Maranhão), em atividade:

- Centro de Tambor de Mina Santo Antônio em Porto Velho – Mãe Bibi.

Casas de Umbanda, com raiz de Mãe Rita, em atividade:

- Casa de Mãe Clotilde.
- Casa de Mãe Nilda.

Casas de Umbanda, em atividade:

- Centro de Umbanda São Jorge – Pai Zé do Ubirajara (com mais de 40 anos) – não sei suas origens. O conheci no Centro de Umbanda São Sebastião, era filho de Pai Hilton.
- Pai França (é um espaço antigo com mais de 40 anos, não sei sua origem).